

ANIMAIS E HOMENS: UMA DICOTOMIA?Clarissa Moreira de Macedo¹

RESUMO: Analisaremos o conto “Morgado”, de Miguel Torga. Presente num livro cuja representação do animal é constante, a narrativa expressa, dentre outros aspectos, a submissão e complacência do bicho, antropomorfizado, face ao egocentrismo humano. A partir de tal contraste, emana uma possível dicotomia: “bicho altruísta/homem egoísta”. Através desta oposição, a representação dos animais pode confirmar a alegoria favorável que esses seres possuem na obra do autor mencionado, além de questionar até que ponto essa dicotomia, concebida aqui como coexistência de forças contrárias que se complementam, afirma-se.

PALAVRAS-CHAVE: Antropomorfismo; Dicotomia; Miguel Torga.

ANIMALS AND MEN: A DICHOTOMY?

ABSTRACT: We will analyze the short story “Morgado”, by Miguel Torga. Included in a book in which the representation of the animal is recurrent, the narrative expresses, among other aspects, the submission and compliance of the creature, anthropomorphized, towards human egocentrism. From such contrast exudes a possible dichotomy: “altruistic beast/selfish human”. Through this opposition, the animal representation confirms the favorable allegory that those beings possess in the work of said writer, also questioning whether that dichotomy, conceived here as coexistence of opposite forces that complement themselves each other, confirms itself.

KEYWORDS: Anthropomorphism; Dichotomy; Miguel Torga.

A representação do bicho, de modo geral, sempre foi tema recorrente na literatura. Como símbolo ancestral de força e transcendência, ser mítico, metáfora ou personificação humana, diversas figurações são atribuídas ao animal no texto literário. Nesse sentido, inúmeros escritores têm utilizado os bichos como mote, a fim de neles expressar a voz humana e, sobretudo entre o fim do século XX e início do XXI, discutir também a posição dos seres inumanos na sociedade.

A partir de um vasto imaginário dedicado aos mais diversos animais – que passa também pelos mitos de criação de vários povos que tomam determinados bichos como deuses poderosos –, o homem, por não conseguir dialogar, através de sua linguagem inerente, com esses entes não humanos, empresta-lhes suas próprias características, preservando, contudo, boa parte dos aspectos dos bichos nessas construções alegóricas. A humanização desses seres, dessa maneira, configura-se como um recurso que perpassa grande parte dos escritos que versam sobre animais.

¹ Doutoranda em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia (UFBA/FAPESB).

Dentre as formas eleitas por ficcionistas de várias partes do mundo para abordar a representação do bicho, o antropomorfismo, ou antropomorfização, ou, ainda, a humanização, constitui-se como uma das vias mais privilegiadas. Desde as fábulas, passando pelos contos modernos, até chegar à literatura do século XXI, a humanização dos bichos tem sido uma constante.

O que se verifica ao pesquisar a representação do animal na literatura é uma presença tanto frequente quanto marcante. Nesse contexto, os escritos lusitanos constituem amplo acervo. Segundo Jacinto do Prado Coelho (1982), desde os primórdios, a literatura de Portugal recorre à representação dos bichos para preencher funções distintas nas narrativas, que, comumente, oscilam entre o viés emblemático, o naturalista, o antropomórfico ou uma junção destes três termos.

Nesse sentido, assinalamos um escritor que tem partes expressivas de sua obra permeada por bichos, sobretudo pelos antropomorfizados: Miguel Torga (1907-1995).

Torga elege o norte rural português para situar uma grande parcela de sua obra. Apesar de também retratar o espaço urbano, é o meio interiorano o escolhido pelo autor para localizar a maioria de suas histórias. Perpassadas por um forte apelo filosófico, as narrativas torquianas compõem um extenso conjunto literário, que envereda pela novela, romance, diários, peças de teatro, poesia e conto. Este último, gênero prestigiado neste texto, aborda constantemente o homem do campo, suas agruras, crenças, costumes, comportamento e visão de mundo. Entretanto, o estado de atrelamento ao meio rural não confere à obra torquiana uma voz unicamente local, mas tônicas universais. O próprio autor, mais de uma vez, declarou o teor universal de sua obra, como pode ser verificado no trecho abaixo:

Simplemente acontece que, num livro que publiquei em tempos, a propósito de condicionalismos do meio, declarei que o universal é o local sem paredes. O que realmente acontece com eles. Psicologicamente, nenhum é murado. Daí que reajam e actuem como filhos do mundo em todas as circunstâncias (*apud* MONTEIRO, 1997, s.p.).

O homem “rural-universal”, da escrita torquiana, é suscetível à prática da crueldade, ao passo que os animais apresentam certa benevolência. Na obra do escritor português, os bichos assumem posturas diversas, como o corvo inquieto Vicente, presente no conto de

mesmo nome, ou a cigarra que deseja descobrir-se enquanto sujeito no mundo, na narrativa curta “Cega-Rega”. A esse bestiário são direcionadas significações benéficas.

Segundo Maria do Socorro Pereira Almeida (2008), a partir da necessidade de se explicar e de entender seu entorno, o homem atribui ao animal, sobretudo no plano simbólico, papéis desempenhados, a princípio, apenas por ele mesmo. Nessas atribuições, há um estado constante de subjugação ao qual o bicho é submetido quando “contracena” com um humano.

Sobre *Bichos*, livro de Torga de acentuada contraposição entre animal e homem, afirma Massaud Moisés (1994, p. 149) que: “[...] homens e bestas trocam de posições, aqueles reduzidos a selvagens, estas dotadas de uma psicologia elementar”.

Em relação ao conto “Morgado”, um dos textos que compõem a coletânea *Bichos*, de Miguel Torga, aos humanos, encarnados em personagens emblemáticas que exercem, em geral, o cargo de vilões, servindo como contraponto aos animais, são destinadas características como a mesquinhez, a violência e o egocentrismo.

Nesse aspecto, uma possível dicotomia, “bicho altruísta/homem egoísta”, faz-se marcante em “Morgado”. Tal dicotomia atesta-se através da representação de um animal, um burro, servil e bondoso, e da personificação maléfica sofrida pelo homem, externado na figura do dono do bicho.

Em “Morgado”, o que se averigua é uma atitude de submissão, apesar da clara consciência dos acontecimentos por parte do burro. Nessa história, o homem é tão animalizado quanto o próprio animal. Este apresenta uma mentalidade alinhada com princípios éticos, ao contrário do humano, que na narrativa comete atos cruéis. Torga, dessa maneira, foge da naturalização como representação literária do animal. Se os bichos estão inseridos em seu habitat, não estão como um ícone passivo, mas preenchem uma figuração ativa, imbuídos de sua carapaça animal, apresentando valores e raciocínio humanos.

A literatura portuguesa do século XX, de acordo com Jacinto do Prado Coelho (1982), dá continuidade à praticada em séculos anteriores no que se refere à observação incessante que é direcionada à vida dos animais. Miguel Torga ajusta-se a essa tendência quanto à representação de muitos desses seres não humanos em suas narrativas. Em *Bichos*, o escritor registra “[...] a desesperada luta para sobreviver, a força telúrica e cega do instinto, as misérias e grandezas do animal [...]” (COELHO, 1982, p. 57), dentre outras questões.

Segundo João Bigotte Chorão (1987, p. 19), a natureza em Torga contém uma “História visível e secreta de que perdemos muitas vezes a chave do sentido”, sendo os animais representantes de uma força elementar (e benéfica) que propiciaria uma espécie de reencontro entre o homem e sua capacidade altruísta.

A consciência e a lucidez são virtudes opostas à falta de bom senso e ao egocentrismo. O homem, no seu desejo ininterrupto de preenchimento material e emocional, não hesita em subtrair dos mais indefesos, até mesmo a vida, para lograr aquilo que ambiciona. “Morgado” nos mostra o contraste de características mencionado que é salientado pela oposição feita entre homem e bicho. A personagem que dá título ao conto é chamada pelo dono para empreenderem uma viagem pela montanha numa noite de rigoroso inverno. Durante a jornada, são cercados e atacados por lobos. Morgado morre, abandonado pelo almocreve, que salva sua própria vida entregando a do asno às feras.

A história é narrada sob a perspectiva do animal, empreendendo análises precisas em relação ao dono e a respeito do temor que se aproxima à medida que os lobos aparecem. A partir das considerações que Morgado faz da vida e dos pressentimentos que antecedem sua travessia mortal, a narrativa traz a lume a figura do bicho, antropomorfizado, como alguém mais prudente que o humano, sendo também detentor de maior sagacidade – contrariando uma das acepções mais comuns destinadas à representação do burro, que o classifica como “o símbolo da ignorância” (CHEVALIER, 1999, p. 93).

Os fatos que exprimem a inteligência do animal estão marcados pelos pensamentos do burro que se voltam para o julgamento dos perigos da viagem noturna, durante tamanha invernia, e para a troça que faz das atitudes do amo: “Não sabia que razão levava o almocreve a proceder daquela maneira. A que propósito dizia coisas à toa, berrava, batia com força as botas grossas no chão, como se quisesse sozinho fazer barulho por trinta?” (TORGA, 1996, p. 53).

A humanização do asno é evidente. No entanto, o cerne deste aspecto está no contraste de características que compõem homem e animal. Paradoxalmente, Torga utiliza um ser inumano, com capacidades humanas, para demonstrar, em seus escritos, justamente o que parece estar perdido no homem: a ligação harmoniosa com a natureza e a pureza dos sentimentos. Em *Bichos*, os homens, porém não todos, são brutalizados, enquanto os animais, em sua maioria, são benévolos e perspicazes.

Para Elias José Torres Feijó (2009), a obra torguiana demonstra uma maneira de sentir e vivenciar o mundo que está vinculada ao meio – leia-se “meio” principalmente como o ambiente da natureza, perpassado pela forte presença do animal.

Morgado é leal. Mesmo percebendo, e sentindo², o perigo da empreitada, segue as ordens do dono. É também sensato e crítico, pois compreende, com facilidade, os perigos e implicações que a jornada oferece, bem como a solução para evitar o desfecho trágico que se anunciava, enquanto seu dono se mostra menos prudente. Isso fica explícito quando da resolução de viajar àquelas horas noctívagas, num ambiente que, a todo momento da história, se mostra hostil³.

O almocreve é caracterizado como alguém egoísta, mostrando-se também mais desesperado que o animal diante de perigos. Seu desespero, ironizado por Morgado, não conduz ambos à salvação, mas atíça ainda mais a vontade dos lobos de os devorarem: “E o patrão [...] agora pusera-se a petiscar lume num seixo com a folha de aço da navalha. Como se os lobos tivessem medo das pobres faíscas que lhe saíam das mãos trêmulas e garanhas!” (TORGA, 1996, p. 53).

De acordo com Joaquim Michael (2009, p. 274), o egoísmo manifesto do homem “[...] vai ao extremo de lamentar a perda do dinheiro investido no animal”, como pode ser verificado no excerto seguinte, em que o burro compreende a situação de abandono a que foi submetido:

Mas apenas o almocreve desmontou, e num relâmpago lhe tirou os aparelhos, acabou por compreender que o ia abandonar ali, esfalfado, coberto de suor, indefeso, à fome do inimigo. Salvava a vida com a vida dele... E lamentava as suas dezassete libras! (TORGA, 1996, p. 56).

² Durante o conto, vários trechos revelam os pressentimentos de Morgado: “[...] o coração não lhe vaticinava coisa boa do passeio. Há dias que trazia dentro do peito um pressentimento negro. Depois, a repugnância da ceia, o acordar sobressaltado, as horas soturnas do caminho, e, a coroar tudo, o silêncio enigmático e desacostumado do dono...” (TORGA, 1996, p. 53).

³ A hostilidade do ambiente é uma constante no texto. Essa ambiência inóspita acomete as personagens, diferenciadas pela reação que apresentam diante dos perigos, e do exame crítico que empregam ao clima de “pesadelo” presente na jornada. Trechos como: “Que raio de madrugada mais tenebrosa!”, “[...] sumidos na escuridão, varados de lado a lado por uma chuvinha gelada e teimosa” e “Só os passos no saibro duro os revelavam ao ouvido atento das penedias, que escutavam das trevas” (TORGA, 1996, p. 51), demonstram o cenário adverso do conto.

O confronto entre os aspectos que perpassam homem e bicho é feito através da representação do animal humanizado, princípio recorrente nas narrativas de *Bichos*, ainda que essa antropomorfização em Torga não seja de bases puramente antropocêntricas. O que ocorre em relação não só à humanização dos animais, mas ao universo ficcional desse autor, é o fato de seus escritos serem direcionados, principalmente, à vida do homem sob a perspectiva da ligação com a natureza e, neste caso, com os bichos que a povoam de modo mais próximo. Nessa ligação concentram-se os pilares da obra do ficcionista de Trás-os-Montes. Por isso, o contraste entre as características presentes em animais e humanos é sugerido pela troca de papéis apresentada nas histórias torguianas. Na maioria dos contos, o homem é animalizado no que há de bestial nessa animalidade, enquanto o bicho é humanizado no que há de benéfico no humano, demonstrando que a ligação profunda com a natura é capaz de “salvar” aqueles que a ela se juntam.

Beserra (2009, p. 10), alega que na obra de Torga, este associa, a todo tempo, seus bichos ao homem “[...] como se ambos comungassem de uma mesma argamassa de vida, e sendo desse modo, inseparáveis, um só”, embora sejam adornados por diferentes caracterizações.

A vida oferece o direito de existir tanto aos homens quanto aos animais, e tal existência não perpassa apenas o âmbito físico⁴, mas as esferas espirituais e transcendentais, que no caso de Torga não se apoiam no divino. Todos os seres viventes, portanto, não devem ter negados os seus anseios vitais – uma vez que, nesse aspecto, encontram-se no mesmo nível –, que excedem o âmbito corpóreo e pertencem aos domínios da alma, pois “[...] o princípio da vida inspira tanto os homens como os animais. É esse princípio que forma a base daquela comunhão profunda e íntima entre os seres que a sintonia com a terra pode estimular” (MICHAEL, 2009, p. 276), comunhão prezada pela escrita torguiana.

Comprendemos que, no livro referido, Torga utiliza seu bestiário para explorar as aproximações do homem com a natura, a exemplo da narrativa curta “O senhor Nicolau”,

⁴ Em “Bambo”, outro conto presente em *Bichos*, o patamar que limitava a personagem humana à vivência das coisas de ordem puramente pragmática, física, é ultrapassado através dos ensinamentos que o sapo proporciona ao homem. Nesse sentido, “Bambo” e “Morgado” se diferenciam sobremaneira, pois, enquanto que, no tocante ao anfíbio, uma personagem humana se relaciona e apreende os ensinamentos do bicho, que o conduzem aos sentidos transcendentais da existência, no que diz respeito ao burro, o homem o descarta, como afirma Joaquim Michael (2009, p. 275): “Enquanto em ‘Bambo’ pelo menos um homem se abre à comunicação muda com os animais, em ‘Morgado’ o homem exclui brutalmente o burro do seu mundo”.

além de teorizar a respeito do tratamento ordinário e pouco profundo que alguns humanos dedicam à natureza e ao que há de oculto ou metafísico nesse ambiente, habitado por muitos viventes inumanos. Na relação que ambos, bicho e humano, mantêm com a natureza, o primeiro representa um caráter “superior”.

São os lobos que matam Morgado, mas a preocupação restrita do almocreve com o investimento empregado na compra do animal, bem como o descaso com que o abandona à morte violenta, denuncia um caráter humano impetuoso, pois o homem rejeita o burro de cargas como um produto que não lhe serve. Esse tipo de comportamento é compatível com o modelo socioeconômico da sociedade contemporânea, que rompe, no tocante ao simbólico, cada vez mais com o mundo natural, devastando-o em prol de acréscimos financeiros.

Morgado é um trabalhador obediente, cumpre sua função mesmo quando já não tem as forças necessárias para tal, embora veja com clareza os riscos da empreitada imposta pelo dono: “Pois sim. O ponto era poder. Muito embora quisesse valer à aflição do dono, e à sua também, as pernas negavam-se. Por isso, pouco a pouco, foi abrandando o passo, a fazer sabe Deus que sacrifício para não cair redondo no chão” (TORGA, 1996, p. 55). Acerca disso, o nome da protagonista, “Morgado”, é esclarecedor. Além de significar “qualquer fonte produtiva de rendimento”, também é definido como “exausto, exaurido” (HOUAISS, 2009, p. 1318). Os dois sentidos denotam características coincidentes com a personagem, que, no espaço temporal da narrativa, encontra-se sem as forças enérgicas da juventude, está “exaurida”, mas sendo ainda submetida ao trabalho, pois constitui uma “fonte produtiva de rendimento”. Assim, o almocreve lamenta, porque, ao final, contrariando seus propósitos, Morgado não constitui essa “fonte de rendimento”, mas um prejuízo, mesmo tendo lhe “salvado a pele”.

O homem sacrifica o jumento, ceifando-lhe a vida. Essa ceifa abrange também a esfera interior do animal, porque demonstra abandono, além da pouca importância que tinha para seu dono. Na visão do almocreve, a morte de Morgado representa apenas uma perda financeira, porquanto, para ele, a extinção do bicho não significa a morte de um ser, com sensações e vontades, mas a perda de uma fonte de lucro.

A vida é tratada por alguns homens de *Bichos* de modo banal; indiferença que se manifesta também nos contos “Tenório” e “Miura”. Neste, o touro de mesmo nome se entrega à morte por não suportar o circo violento ao qual é sujeitado a fim de entreter os

homens. Em “Tenório”, o galo que dá nome à história, questiona sua substituição por um animal mais novo. Substituição que não só o põe à margem da função que exerce, mas que acarreta sua morte. Por esse motivo, o narrador de “Morgado” – assim como dos contos mencionados – é um animal que raciocina com nitidez a vida que o circunda, pois isso demonstra o “lado” do bicho, o modo como vê os acontecimentos. Essa representação da visão do animal, que define as razões de sua vida, e também de sua morte, acentua o contraste aqui proposto “bicho altruísta/homem egoísta”:

E, afinal, a manhã vinha a romper!... Só quando viu o dono a caminhar pela serra fora da albarda às costas – não se envergonhar! – e sentiu os dentes do primeiro lobo cravados no pescoço, é que reparou que a luz do dia começara a desenhar as coisas e a dar significação a tudo⁵ (TORGA, 1996, p. 56).

No início da narrativa, o narrador-personagem nos informa sobre os donos que possuiu, demonstrando, também, o afeto que nutre pelo dono atual. Diferentemente do almocreve anterior, que o vendeu numa feira, o amo de agora lhe dá melhor comida e até o trata com certo apreço: “À chegada, logo uma manta a resguardá-lo dum resfriado, e milhão branco e graúdo na manjedoura. Um céu aberto! [...] – Ah! Morgado, que me borras a pintura!” (TORGA, 1996, p. 50-51). Para o jerico, além da relação de trabalho, havia um laço de fraternidade. O animal, porém, avalia com nitidez os percalços do relacionamento: “Evidentemente que não havia só rosas naquela casa. Longe disso! O macho dum almocreve, sabe Deus... Mas bem comido e bebido, um homem trabalha com alegria” (TORGA, 1996, p. 50).

Além de expressar a humanização patente – “um homem trabalha com alegria” –, o trecho acima explana a relação afetiva⁶ que, na visão de Morgado, existia entre si mesmo e o dono. Apesar de fazê-lo trabalhar, oferecendo apenas o mínimo de dignidade, o almocreve estabelece com o bicho uma sintonia, uma identificação. Tal sintonia, aprofundada pela sagacidade do animal, permite que este perceba o significado dos seus maus presentimentos

⁵ Também na narrativa torguiana “Um roubo”, de *Contos da montanha*, conforme a luz do dia surgia e a igreja se iluminava, o ladrão, que intentava roubá-la, via-a de modo mais natural, compreendendo melhor a situação precária do lugar.

⁶ Outro trecho da narrativa também confirma que o animal entendia sua relação com o amo como afetiva: “E todo o pêlo se lhe crispava, à ideia de que faltava muito ainda para que o sol alumiasse a terra e tirasse à caminhada o ar de pesadelo que a tornava infundável. *É certo que a presença do dono o sossegava um pouco. Embora o não visse, por causa do comprimento da ribeira e da negrura cerrada, sabia que caminhava à frente, pronto para o que desse e viesse*” (TORGA, 1996, p. 52, grifos nossos).

a respeito da jornada funesta, não o impedindo, contudo, de espantar-se com o abandono gradativo do dono – Morgado chega a nomear como “enigmático” o recuo do almocreve.

E, embora tenha sido maltratado pelo almocreve, “[...] aqueles modos do dono até parece que endureciam o feno. A gente também vive de boas palavras” (TORGA, 1996, p. 49), o burro suaviza a postura humana, denotando um dos ícones que preenchem a simbologia do asno: a humildade. No entanto, a consciência crítica de Morgado, que reconhece sua condição, suas necessidades, capacidades e limitações, examina a vida, residindo nesse exame analítico sua grande virtude.

Em “Morgado”, o teor misterioso e oculto que circunda a existência é sentido e manifesto de algum modo no e pelo animal. No conto referido, o jumento pressente o clima sombrio e difícil que envolveria a viagem pretendida pelo dono: “Não gostava de semelhantes modos. Arrenegava de viagens mal principiadas. De maneira que recebeu a carga aperreado, e meteu-se no caminho a malucar no pior”, e mais adiante: “Não se lembrava de ter feito em toda a vida jornada que se parecesse. Nunca lhe acontecera, como hoje, ir com os cinco sentidos num alarme constante [...] Em vez de encher a alma de esperança, cobria-a de agoiro!” (TORGA, 1996, p. 51). Em “Morgado”, como já foi mencionado, o bicho é alarmado pelo seu instinto, por uma sabedoria oculta – que o dono não possui –, externada através de seus sentidos, prevenindo-o de que algo terrível está para acontecer.

Portanto, no conto, os sentidos do animal são um mecanismo que o alertam contra perigos iminentes. Na narrativa, o mau pressentimento – o animal é “avisado” dos riscos – concretiza-se afetando diretamente o bicho, que acaba morrendo.

Na obra torguiana, homens e animais são inspirados pelo mesmo sopro de vida que os instiga a viver, e estão emparelhados no sentido de comungarem de um mesmo mundo físico que os incita.

Nos escritos de Torga, os bichos são representantes de um mundo idealizado, do qual o homem se afastou: o mundo natural, no qual não haveria distinção entre homens e animais. A escrita torguiana em alguns contos de *Bichos*, como “Morgado”, traz à tona a ruptura entre animal e homem – atrelados por uma simbologia muito vasta e antiga –, agravada pela ambientação das narrativas, situadas num cenário rural. Vemos o almocreve do conto mencionado como um ser egoísta, imprudente e atroz. A partir de tais características, que afastam a personagem humana da animal sobremaneira – haja vista o burro representar o oposto do almocreve, pois é prudente, sereno e fraterno –, percebemos

a necessidade, salientada pelo símile homem/animal, que o humano tem de se reencontrar com alguns de seus valores que estão relegados.

É importante mencionar uma duplicidade que se manifesta em “Morgado”. No conto, o animal é antropomorfizado, ou seja, possui características humanas. No entanto, homem e bicho (humanizado) são muito diferentes. Mesmo sendo o animal um ser antropomorfo, está afastado do humano na história. É nessa contradição proposital que se pauta a duplicidade referida. O que se percebe na leitura dessa narrativa é que o animal, ainda que possua um mundo no campo do pensamento, com princípios singulares, naturalmente não deixa de ser direcionado por pensamentos humanos – autor e leitor –, que imaginam e teorizam acerca do mundo animal. Porém, na história mencionada, o homem é confrontado, por meio do animal, com duas partes de si mesmo: uma condescendente e obediente, outra, agressiva e egoísta.

O que diferencia, portanto, as representações de homens e animais na narrativa é o fato de esses bichos apresentarem a porção mais favorável do homem, enquanto a este é destinada a parte menos benéfica. Logo, o “zoo” do conto destaca uma problematização humana, apresentando uma parte íntegra do homem ao lado da demonstração de aspectos danosos através de uma personagem que revela uma personalidade contrária à antropomórfica.

Assim, o homem, representado na narrativa pela personagem do almocreve, recebe um chamado para regressar ao chamado mundo natural e aos valores por ele segregados e relativizados, pois, dessa forma, “[...] ‘despertará’ e ‘reaprenderá’ a usar sua sensibilidade e passará a harmonizá-la com a razão” (COSTA, 2010, p. 10), reencontrando-se com tais valores.

A dicotomia que caracteriza a relação entre homens e animais humanizados não se mostra estanque, porque, à luz da filosofia, entendemos que as características benéficas não existem sem as que se lhe opõem. O homem em Torga, quase sempre, possui atitudes eticamente repreensíveis, a exemplo do conto analisado, em que o almocreve descarta “sem cerimônia” o burro que tanto lhe servira. Entretanto, em outras narrativas, o homem torguiano encontra-se com a natureza, mantendo com ela uma relação de aprendizado e construção, a exemplo de “Bambo” e “O senhor Nicolau”, presentes em *Bichos*, além de “O caçador”, narrativa que integra os *Novos contos da montanha*, enquanto alguns animais podem denotar preguiça, covardia e comodismo, assemelhando-se à dona, como é o caso de

“Mago”, também de *Bichos*. Tais exemplos possibilitam, assim, identificar apenas uma possível dicotomia, ou, ainda, uma oposição instável e relativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. *Literatura e meio ambiente: Vidas Secas, de Graciliano Ramos e Bichos, de Miguel Torga numa perspectiva ecocrítica*. 2008. 117f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2008.

BESERRA, Rizelda da Silva. “O homem, e os bichos, de Miguel Torga”. In: *Revista científica da FASETE*. ano 3, n. 3, p. 27-37, dez. 2009.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 14 ed. Tradução de Vera da Costa e Silva [et al.] Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

CHORÃO, João Bigotte. *Como é Torga?*. Colóquio Letras: Lisboa, p. 19-21, 1987.

COELHO, Jacinto Prado. *Dicionário de literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura galega, estilística literária*. 3 ed. Porto, Portugal: Figueirinhas, 1982. vol. 1. p. 56-57.

COSTA, Alexandre Emídio. *Os Bichos de Miguel Torga: o retorno ao elo perdido*. 2010. 107f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FEIJÓ, Elias José Torres. “A geo-cultura original dos contos de Miguel Torga e o seu progressivo desaparecimento: De *Bichos* a *Novos Contos da Montanha*”. In: *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*. Santiago de Compostela, v. 11, maio de 2009. p. 167-184.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MICHAEL, Joaquim. “A violência nos contos de Miguel Torga”. In: *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*. Santiago de Compostela, v. 11, maio de 2009. p. 267-286.

MOISÉS, Massaud (Dir.). *A literatura portuguesa em perspectiva*. São Paulo: Atlas, 1994, v. 4.

MONTEIRO, Maria da Assunção Morais. “Trás-os-Montes: um paraíso perdido e reencontrado por Torga”. In: *Estudos Transmontanos e Durienses*, n 7, 1997, p. 169-184.

TORGA, Miguel. *Bichos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

TORGA, Miguel. *Novos contos da montanha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.